



## HEMINGWAY E GARCÍA MÁRQUEZ: DOIS GUIAS DE VIAGEM PELO MUNDO DA REPORTAGEM

**ANA BEATRIZ MAGNO**

*“Recorde-se dos ruídos que ouviu e das coisas que cada um disse. Quando as pessoas falam, você deve escutá-las completamente. Não fique pensando no que vai responder, no que vai dizer a seguir. A maioria das pessoas não ouve. Nem observa. Você deve estar capacitado para entrar numa sala e quando sair, saber tudo que ali viu e não só isso. Se essa sala lhe despertou algum sentimento, deverá saber exatamente o que foi que lhe deu esse sentimento (...)Depois escreva tudo com a maior clareza para que o leitor também veja como se fosse uma testemunha visual dos acontecimentos”. Ernest Hemingway*

### RESUMO

Grandes reportagens são grandes viagens. A outros países, culturas, personagens. São territórios de alteridade, com fronteiras definidas por estratégias apurativas e narrativas complexas e entranhadas no real. Alinhado com as raízes teóricas que compreendem o jornalismo como narrativa e forma de conhecimento, este artigo pretende recuperar a reportagem como um vigoroso relato de viagem, a partir de coberturas assinadas por dois mestres do narrar, Ernest Hemingway e Gabriel Garcia Márquez. Enviados especiais ao coração dos principais acontecimentos do século XX, os dois jornalistas transformaram páginas de jornais e revistas em uma espécie de janela para o que se passava do outro lado do planeta.

**Palavras-chave:** reportagem, narrativa, relatos de viagem, García Márquez, Hemingway, jornalismo

## 1. APRESENTAÇÃO

O esforço reflexivo e empírico deste artigo nasce da pergunta “O que é Reportagem?” e está alinhado às tradições teóricas que entendem o jornalismo como narrativa (MOTTA, 2013) e forma de conhecimento (MEDITSCH, 1997). O trabalho recupera a história e a obra jornalística de Ernest Hemingway e Gabriel García Márquez, dois artesãos da palavra que mesmo depois do sucesso literário seguiram escrevendo matérias para jornais e revistas. Assinaram mais de 1.340 textos noticiosos, cobriram guerras, conferências internacionais e tragédias nacionais, uma produção regular e intensa, porém pouco estudada no Brasil.

Para preparar o artigo, examinamos a pauta, o processo de apuração e o texto final de 20 matérias de Hemingway e 20 de García Márquez. Publicadas entre 1918 e 1999, os textos são instigantes não apenas porque contam uma história do século XX e carregam o leitor para uma viagem sem fronteiras, mas também porque traduzem a essência da reportagem enquanto forma singular de narrar e de documentar uma versão do presente. Essa forma prioriza abordagens socioculturais temáticas, recorre a fontes cidadãs, está ancorada na observação e na apuração realizada pelo próprio repórter. Sua estrutura narrativa é descritiva, reveladora e interpretativa (MAGNO, 2014). Os relatos são circunstanciados, detalhistas e movidos por intrigas humanistas e embates morais virtuosos que confirmam a visão de García Márquez de que a reportagem é o mais fascinante dos gêneros jornalísticos.

García Márquez, aliás, era fascinado por Hemingway. Dizia que o americano foi o autor que mais o influenciou na dupla escolha profissional de ser repórter e escritor. “Não só por seus livros, mas por seu assombroso conhecimento do aspecto artesanal da ciência de escrever (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, p. 221). “Hemingway me ensinou para sempre que uma das dificuldades maiores é a de organizar as palavras e que não é certo que o jornalista acabe com o escritor”.

## 2. VIAGEM PELA REPORTAGEM

O jornalista Ernest Hemingway estava prestes a completar seu 45º aniversário quando realizou o sonho de todo repórter: registrou o raro momento em que a História se congela num feito. Era 6 junho de 1944. Ele trabalhava como correspondente da revista americana *Collier's Weekly* e cobria a saga dos soldados aliados que partiram da Inglaterra para libertar a França da tirania alemã.

O vento soprava forte do Noroeste. Navegávamos em direção a terra na luz cinzenta precoce. Os barcos de aço em forma de caixão com 36 metros levavam sólidos lençóis verdes de água que caíam sobre as tropas, embaladas ombro a ombro pelo duro, embaraçoso e desconfortável sentimento de solidão do homem que parte para o combate (HEMINGWAY, 1969b, p.101)

A reportagem de Hemingway ocupou quatro páginas inteiras da edição de 22 de julho de 1944 da *Collier's*, está guardada na biblioteca *John F. Kennedy*, é importante documento sobre o desembarque dos aliados na Normandia e oferece ao leitor uma viagem no tempo e na História.

Há muito mais que eu não escrevi. Poderia escrever durante uma semana e não conseguiria dar o crédito a tudo que foi feito naquele front. Guerra de verdade nunca é como guerra de papel (...) Mas se você quer saber o que se passou, isso é o relato mais fiel que eu posso lhe dar (HEMINGWAY, 1969b, p.118).

O Dia D de Hemingway exemplifica a força narrativa, investigativa e documental da reportagem, e mostra que sua inesgotável capacidade de transportar o leitor para um viagem intensa, desbravando outros mundos, outros personagens, levado pelas mãos do repórter e guiado por seu texto. A reportagem transforma o repórter em guia na jornada narrativa e faz da palavra uma janela para o mundo. O leitor, esse invisível personagem que vive de interpretar a partir da escrita alheia, vira um exemplar raro de turista - tensionado pelo conhecimento da alteridade, pelo estranhamento de terras distantes e muitas vezes pelo mergulho no que há mais cruel da existência humana.

Sustentamos também que a reportagem oferece uma aventura pelas estradas sinuosas do conhecimento e que esse “conhecer” singular começa na temática da pauta, ganha densidade argumentativa no processo de apuração, e se traduz e se organiza por

meio de estratégias narrativas que emergem no texto de cada matéria. O resultado é um enquadramento polifônico documental que se sobrepõe ao imediatismo do acontecimento e à *secura* da falsa objetividade jornalística.

A seguir, um pouco da vida e da obra jornalística de Papa e Gabo, gênios que não foram amigos e que se encontraram uma única vez, num dia chuvoso da primavera de 1927, entre as banquinhas de livros nas calçadas que cercam a Sorbonne. Os dois estavam em Paris. Hemingway já era famoso, tinha 57 anos. Gabo, 28, era apenas um jovem jornalista que viu o ídolo do outro lado da rua, atravessou correndo, mas as perguntas ficaram entaladas pela idolatria.

“Pus as mãos em forma de buzina, como Tarzan na selva e gritei de uma calçada para a outra: - Maestro ! Ernest Hemingway compreendeu que não podia haver outro mestre entre a multidão de estudantes, voltou-se com a mão para cima, e gritou em castelhano com uma voz um tanto pueril:

- Adios amigo. Foi a única vez que o vi (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, p. 220)

### 3. HEMINGWAY, O REPÓRTER

A vida nunca foi uma festa para Hemingway. Papa viveu assombrado pela crueldade das guerras, pela solidão da depressão e pelo mistério do suicídio, epílogo dramático que abreviou a vida de seis Hemingways<sup>1</sup>. O primeiro deles foi o patriarca da família e pai do escritor.

Ernest Miller Hemingway tinha apenas 29 anos de idade, viajava a caminho do sol da Flórida, quando recebeu um telegrama com a notícia de que seu pai se matara com um tiro de revólver, calibre 32. Doutor Clarence Edmonds estava com 52 anos, sofria com os males provocados pelo diabetes e por um casamento rancoroso com Grace Hall, a mãe musicista que Hemingway aprendeu a detestar desde garoto, quando ela o vestia de menina e o obrigava a tocar violoncelo.

Hemingway responsabilizava a mãe pelo suicídio paterno e insinua que, de al-

---

<sup>1</sup> O suicídio marcou a história familiar dos Hemingways. Foram seis suicídios em apenas três gerações. Ernest, seu pai, sua irmã, seu irmão, uma neta e o filho caçula Gregory que, aos 69 anos, após fazer uma cirurgia para mudança de sexo, sofrendo com depressão e alcoolismo, se matou em outubro de 2001.

guma forma, ela arquitetou algo semelhante para o filho. “No Natal, recebi um embrulho da minha mãe. Continha o revólver com que o meu pai se suicidara. Trazia um bilhete dizendo que achava que eu talvez gostasse de o ter. Não sei se era agouro ou profecia”. (HOTCHNER, 2008, p.16). Agouro ou profecia materna, o fato é que o destino do pai médico se repetiu com o filho escritor. No alvorecer de 2 de julho de 1961, depois de cinco internações com 15 dolorosas sessões de eletroconvulsoterapia, Ernest Hemingway se matou com a espingarda que usava para caçar pombos.

### **O TRABALHO - FOCA DO COTIDIANO**

O jornalismo livrou Ernest Hemingway da convivência diária com a mãe. Aos 18 anos, arranhou um emprego Kansas City Star, o maior jornal da região, a três horas de trem da pacata Oak Park, cidade natal de Hemingway. Começou a trabalhar em 17 de outubro de 1917 como *cup reporter* (foca) de notícias locais e desde o primeiro dia impressionou os colegas. Todos usavam chapéu ou gorro. “Hemingway era o único vestido com uma camisa xadrez e preta, traje típico de caçadores. Os colegas veteranos reprovaram a vestimenta”, lembra o colunista Jim Fisher, num dos vários artigos sobre Hemingway, publicados na página<sup>2</sup> virtual do jornal.

Sua primeira matéria publicada, *Kerensky, a pulga em combate*<sup>3</sup>, data de 16 de dezembro de 1917, e ocupou uma coluna na página 3C, conforme fac-símile reproduzido no site jornal. A matéria trata de um office-boy, cujas feições lembravam o líder russo “Kerensky” e que nas horas vagas fazia bicos como pugilista<sup>4</sup>. Hemingway ficou seis meses e meio no Star. Em 30 de abril de 1918, pediu demissão e partiu para a Primeira Guerra Mundial, como motorista de ambulância da Cruz Vermelha.

### **PARIS FOI MUITO MAIS QUE UMA FESTA**

Em dezembro de 1921, já casado com Hadley Richardson, a primeira de suas quatro esposas e com quem teve seu primeiro filho, Hemingway conseguiu um contrato de correspondente na Europa do *Toronto Daily Star*. O jornal pagava US\$ 65 por semana para Hemingway fazer matérias sobre temas que incluíam desde touradas até eco-

---

<sup>2</sup> <http://www.kcstar.com/hemingway/hem3.shtml>

<sup>3</sup> Arquivo do Kansas City Star.

<sup>4</sup> As matérias não eram assinadas porque não havia esse costume na época. A autenticidade da autoria do textos é garantida pelo próprio jornal.

nomia e geopolítica. A base de trabalho seria em Paris, mas viajaria por todo o continente.

Entusiasmado, não conseguiu sequer esperar o desembarque na França para escrever a primeira matéria. Quando o navio parou em Vigo, na Espanha, Hemingway despachou sua primeira reportagem como correspondente: “A pesca de Atum na Espanha”.

O texto parte do grande para o pequeno, do universal para o particular, movimento recorrente em suas matérias. Num passe de mágica descritivo, ele carrega o leitor para uma viagem que começa na descrição meticulosa do cenário da história que irá contar. Eis seu “lead”, publicado num sábado 18 de fevereiro de 1922.

Vigo é uma pequena cidade que parece construída de papelão, ruas empedradas, as casas brancas e laranja, assentadas num dos lados de uma baía em forma de concha, quase cercada de terra por todos os lados, à exceção de uma estreita embocadura, e que é suficientemente vasta para abrigar a esquadra britânica em peso. Montanhas tostadas de sol mergulham no mar como velhos dinossauros e a cor das águas é azul como um postal ilustrado de Nápoles (HEMINGWAY, 1969a, p.24).

Em 4 de março de 1922, menos de 15 dias depois da publicação do texto anterior, Hemingway, mesmo em ritmo de mudança, emplacou mais uma reportagem. Dessa vez, sobre a hotelaria na Suíça. Sua acuidade descritiva produz trechos como “a Suíça está repleta de grandes hotéis pardacentos, construídos no estilo arquitetônico dos relógios de cuco (...) todos os hotéis parecem ter sido talhados pelo mesmo alfaiate da construção civil, sobre o mesmo molde e com a mesma tesoura”.

Em pouco tempo, o universo temático do jovem jornalista cresceu. Ele passou a atravessar a Europa para cobrir encontros presidenciais e testemunhar o dia a dia do Pós-Primeira Guerra. Era um período difícil em que o draconiano Tratado de Versailles espalhava feridas gigantescas na Alemanha, abrindo as portas para o terror do nazismo, tema de *Inflação Alemã*, matéria assinada por Hemingway em 1922. (YOUNG, 1970).

“*Mussolini: o Maior Blefe da Europa*” é outro exemplo de matéria produzida na mesma época e que revela um repórter ágil que conseguia erguer pontes consistentes entre os detalhes do que via e ouvia. Publicado em 27 de janeiro de 1923 no *Toronto Daily*, a matéria relaciona o estilo bufão do recém eleito governante com sua vocação tirana.

Essa primeira temporada como correspondente na Europa durou até 1927. Ernest Hemingway voltou para a América, separou-se, casou-se de novo, teve três filhos, – encantou-se por Cuba, construiu casa em Key West, na Florida. O escritor seguiu assim, distanciando-se do jornalista, escrevendo romances e crônicas fortemente inspiradas na vida real, até que em 1937, a realidade, a própria, o convocou para cobrir a Guerra Civil Espanhola, embate que dividiu a Espanha entre fascistas e republicanos.

"Só existe uma forma de governo que não produz bons escritores e esse sistema é o fascismo. O fascismo é uma mentira contada por matones. Um escritor que não mente não pode viver e trabalhar debaixo do fascismo", declarou o Hemingway, durante o congresso de escritores americanos no *Carnegie Hall*, em Nova York, em 1937. Naquele mesmo ano, o repórter que agora era celebrado mundialmente com o apelido de Papa, rendeu-se ao chamado da reportagem e partiu para o coração do confronto espanhol.

### **GUERRA CIVIL: UTOPIA E REPORTAGEM**

Hemingway viajou para a Espanha em março de 1937 aos 38 anos de idade. Pela primeira vez iria atravessar trincheiras internacionais como correspondente de um órgão de imprensa dos Estados Unidos. Ele firmou um contrato com North American Newspaper Alliance e começou a enviar despachos por telégrafo assim que desembarcou em solo espanhol.

Do avião rumo a Alicante, passou por Barcelona, "onde um bombardeiro acabara de sobrevoar a cidade, escoltado por dois caças, sua carga de bombas, matando sete e ferindo 34", escreveu o correspondente em 18 de março de 1937, na primeira de 28 reportagens telegrafadas da Espanha. Os textos "representam o regresso de Hemingway à reportagem jornalística profissional", William White (1969, p.4). White cita, por exemplo, *Bombardeio em Madri*, título da segunda matéria escrita por Hemingway no front espanhol e que oferece ao leitor uma cadência frenética de descrições aterradoras:

As ruas estavam repletas com as habituais multidões de domingos (...) Durante essa manhã caíram em Madri 22 obuses. Mataram uma velhota que regressava do mercado, jogando-a ao solo num montão enrodilhado de roupa preta, com uma perna, subitamente arrancada (...) Um automóvel que descia a rua estacou subitamente e derrapou sob o relâmpago deslumbrante (...) O motorista foi arrancado do carro, o couro cabeludo pendendo sobre os olhos (...) o sangue reluzente correndo pela cara abaixo (HEMINGWAY, 1969b, p.7).

Os relatos de Hemingway não eram feitos apenas de observações precisas do que seus olhos viam no cotidiano da guerra. Seus textos traziam informações sobre estratégias militares, entrevistas com comandantes, mas também mostravam a maturidade de um homem que sabia as regras da guerra, mas que escrevia análises indignadas contra a crueldade de ataques a civis.

Por três vezes foi atingido um dos mais altos edifícios. O seu bombardeio é legítimo, pois trata-se de um conhecido centro de informações telegráficas, mas o bombardeio que varria as ruas nessa manhã, procurando intencionalmente os passeantes dominicais, nada tinha de militar (HEMINGWAY, 1969b, p.7).

Hemingway já era um jornalista conhecido e escritor consagrado nos Estados Unidos quando cobriu a Guerra Civil. Ele não esconde a preferência pelos republicanos, mas seus textos não são panfletários. São secos, descritivos, narrados em primeira pessoa, mas jamais autocentrados. Hemingway está na cena, mas não é o protagonista. O personagem central é a guerra, o duelo entre a vida e a morte, o complicado mundo do entre guerras.

### **AMOR NO FRONT, NA REDAÇÃO E NA LITERATURA**

Nas trincheiras de Madri, Papa se apaixonou pela brilhante correspondente de guerra, Martha Guelhorn<sup>5</sup>. Os dois se casaram e a história inspirou um dos maiores sucessos literários de Ernest Hemingway, *Por Quem os Sinos Dobram*, livro publicado em 1940 e dedicado à Martha.

A vitória do fascismo sobre a República, embate que os historiadores consideram um ensaio para a Segunda Grande Guerra Mundial, não afastou Hemingway do front das reportagens. Ao contrário. O cidadão que, em 1939 prometera jamais retornar a um campo de batalha, voltou para o seu refúgio em Key West, mas não resistiu ao chamado da reportagem. Menos de três anos depois, já estava no front novamente escrevendo longas matérias sobre o maior conflito bélico do século XX.

Contratado inicialmente pelo extinto jornal nova-iorquino PM, Hemingway percorreu locais raramente visitados por outros correspondentes, passou um mês em Hong

---

<sup>5</sup> Martha Guellhorn foi uma das primeiras mulheres correspondentes de guerra. Brilhante, percorreu o mundo num tempo em que as moças eram educadas para ficar em casa. Martha trabalhou até pouco antes de morrer em 1998, aos 90 anos de idade.



Kong, foi à Birmânia e à China, revirou o Extremo Oriente nos tempos de Chiang Kai-Chek, o generalíssimo poderoso do governo Chinês, a quem conseguiu entrevistar e publicar um furo mundial no qual o governante garantia por escrito que a China não romperia o acordo de apoio aos Aliados, mesmo depois de a extinta URSS afagar os inimigos japoneses no famoso Pacto Russo-Nipônico.

Sua série de reportagens no *PM* oferece um retrato ao mesmo tempo analítico, interpretativo e descritivo do que se passava do outro lado do mundo, no desconhecido Oriente. Hemingway não viajou desamparado. Sua pauta foi cuidadosamente discutida com Ralph Ingersoll, respeitado editor do *PM*, que forneceu a Hemingway aquilo que todo grande repórter deseja: tempo, espaço e recursos para realizar uma grande reportagem.

Quando Ernest Hemingway partiu para o Oriente, *PM* fez com ele o seguinte acordo: que se as operações (os ataques de ambas as partes) fossem desencadeadas, ele permaneceria em campo para fazer a sua cobertura por telegrama. Mas se não se registrassem ações de envergadura ele apuraria mas não escreveria para o jornal enquanto não completasse seu estudo - quer dizer enquanto não estivesse na posse de todos os elementos e dispusesse de tempo e perspectiva para analisar tudo o que vira e ouvira, produzindo um relato de valor mais duradouro que a correspondência cotidiana (INGERSOLL in HEMINGWAY, 1969b, p.63).

Hemingway se saiu melhor do que a encomenda. Além da China, passou um mês em Hong Kong, onde entrevistou chineses e japoneses. A cidade era uma terra de ninguém e de todos.

Há pelo menos, 500 milionários chineses vivendo em Hong Kong... guerra demais no interior, terrorismo demais em Xangai, para o gosto de um milionário. A presença dos 500 milionários provocou uma outra concentração: a de moças bonitas. A situação entre as moças menos bonitas é muito má (...) Há cerca de 50 mil prostitutas em Hong Kong. A sua superabundância nas ruas à noite, quando ocorrem em verdadeiros enxames é uma das características inevitáveis em tempos de guerra (HEMINGWAY, 1969b, p.63-64).

Menos de seis meses depois de publicada a reportagem, os japoneses atacaram Pearl Harbor, empurrando a América para o centro da Guerra. Hemingway foi junto. Embarcou para a Europa e de lá, noticiou bombardeios de Londres, relatou a chegada da Normandia e a retomada de Paris em 1944. Nos 17 anos seguintes, tudo diminuiu. Hemingway escreveu menos romances e menos reportagens. Sofreu sucessivos problemas de saúde e longas crises depressivas (ASTRE, 1968). Os poucos lampejos de alegria

eram no mar. Foi sobre o mar um de seus últimos, *O Velho e o Mar*, livro pequeno, denso que lhe rendeu o Pulitzer de 59 e o Nobel de Literatura em 1960. Quatro anos antes, ele publicou sua última reportagem, Presente de Natal, na Look, sobre suas caçadas na África.

“Quanto ao jornalismo, escrever sobre alguma coisa que acontece no dia a dia, no que fui treinado desde jovem e que não considero uma prostituição quando se faz honestamente, com rigor informativo, não irei fazê-lo mais”, despediu-se em artigo na Look de setembro 1956. Cinco anos depois, um repórter nascido na distante Colômbia, noticiou o suicídio de Ernest Hemingway. O repórter era Gabriel García Márquez. Sob o título *Um homem morreu de morte natural*, ele, Gabo, publicou o fim trágico e previsível de seu autor predileto que, como ele, passou a vida escrevendo livros e notícias.

Hemingway somente contou o que viu com os próprios olhos, o gozado e padecido pela própria experiência, que era, ao fim e ao cabo, o único que podia crer. Sua vida foi uma contínua e arriscada aprendizagem de seu ofício, em que ele foi honesto até o limite do exagero (GARCÍA MÁRQUEZ, 2013, p.399).

#### 4. GABO, O REPÓRTER

Gabriel José de La Concordia García Márquez sabia o que queria ser quando crescesse. “Minha primeira e única vocação é o jornalismo. Não comecei sendo jornalista por casualidade – como muita gente – ou por necessidade, ou por azar, comecei sendo jornalista porque o que queria era ser jornalista” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2013, p.10).

García Márquez tinha 21 anos quando estreou no trabalho que, meio século depois, em 1996, escreveu ser o “melhor ofício do mundo” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2013, p.419). Foi um foga às avessas. Ao contrário de Hemingway, o colombiano não começou no jornalismo pelo caminho mais comum, o de repórter de cidades. Sua primeira função foi colunista do *El Universal*, de Cartagena de Índias.

O tempo me mostrou que o sistema nervoso do jornalismo circula para mim na realidade em sentido contrário. Aos 21 anos, sendo o pior estudante de direito, comecei minha carreira como redator de notas editoriais e fui subindo

.....

pelas escadas das diferentes editorias <sup>[1]</sup> até o nível máximo de repórter raso (GARCÍA MÁRQUEZ, 2013, p.419) <sup>6</sup>.

No início de 54, ele mudou para a capital Bogotá e foi contratado pelo *El Espectador*, onde trabalhou regularmente por mais de três anos consecutivos. O editor-chefe, José Salgar, era “exigente, firme e eficiente. Seu lema era notícias, notícias, notícias” (MARTIN 2013, p.37). Em 12 de julho de 1954, Gabo foi promovido a soldado raso da reportagem. Naquele dia, um deslizamento de terra castigou a cidade de Antioquia, a 660 quilômetros de Bogotá. Salgar determinou que Gabo fosse apurar o que “carajo fue lo que pasó”. O repórter partiu esfuziante. Ficou ainda mais eufórico ao chegar à cidade e sentir aquele frêmito indignado que todo bom repórter já sentiu diante de uma tragédia – sensação um pouco macabra, uma mistura de espírito de detetive com ânsia justiceiro. Bill Kovach e Tom Rosentiel (2004, p.70) traduzem esse ímpeto como uma “luta dos repórteres para oferecer a melhor versão da verdade”.

Gabo lutou bravamente naquele ano 1954. Sua luta incluiu a domesticação do próprio texto, outrora enfeitado por opiniões, graças e metáforas. Seu novo estilo precisava eliminar os adjetivos, incorporar os verbos e transformar a narrativa num potente relato de viagem pelas mais diferentes terras e temáticas. Para isso tinha, como define Martin (2013, p.38), que percorrer o difícil trânsito que começa com o nomear e descrição e alcança, com leveza, o narrar. Realizar essa passagem é “uma demonstração brilhante do poder da arte dos contadores de histórias”.

Em abril de 1955, Salgar determinou que Gabo entrevistasse o náufrago Lluís Velasco que, desde fevereiro, ocupava a imprensa com uma história mal contada sobre um naufrágio do qual fora o único sobrevivente. García Márquez achou que iria requeenar uma notícia, mas após 14 sessões diárias com quatro horas de entrevistas por dia, o jornalista não conquistou apenas uma bela história. Ele conseguiu desmontar a versão anterior, descobriu e provou que o barco carregava importações ilegais, apontou a responsabilidade das autoridades e criou uma crise com o governo federal. O marujo que, antes era herói da Marinha, foi expulso da força.

Relatos de um Náufrago entrou para a história como a reportagem mais famosa de García Márquez e o editor presenteou o repórter com mais uma missão complicada:

---

<sup>6</sup> Trecho do famoso discurso Melhor Ofício do Mundo, pronunciado em 7 de outubro de 1996.

cobrir uma reunião de cúpula de presidentes na Europa. Em julho de 1955, Gabo que nunca tinha atravessado o Atlântico, partiu para narrar o encontro dos homens da guerra fria nos Alpes Suíços, em Genebra.

### **O DIA EM QUE O PRESIDENTE DOS EUA COMPROU UMA BONECA**

Cobrir reunião presidencial é tirar água de pedra para qualquer jornalista, mas é muito pior para um jovem repórter sul-americano, metido num encontro de presidentes do “primeiro mundo”. Gabo não tinha fontes. Mesmo assim, um estranho no ninho dos grandes jornalistas americanos e europeus, o jovem colombiano irritou a concorrência com sua cobertura diferenciada. O retrato desse diferencial já aparece na primeira matéria sobre a reunião, publicada em 18 de julho de 1955. “Genebra Olha com Indiferença A Reunião”, título da manchete assinada na capa por García Márquez, enviado especial.

É um texto primoroso. Foi escrito na primeira pessoa do plural, apresenta o ambiente da reunião e aposta num viés exclusivo - o de mostrar a relação entre o encontro de cúpula e o cotidiano da cidade. Foi a primeira de muitas ousadias, a mais saborosa delas, a de contar em detalhes a visita do presidente Eisenhower e sua esposa a uma loja de brinquedos para comprar lembranças para os netos. No dia da visita, Gabo entrevistou os proprietários, reconstituiu a passagem do presidente pela “tienda de joguetes *La Cochinelle*” e por fim humanizou o homem mais poderoso do mundo numa uma reportagem recheada de detalhes.

Quando presidente se deteve frente à primeira vitrine de *La Cochinelle*, onde há uma boneca de setenta centímetros, havia não menos que vinte fotografos  
- Quem é o dono ?  
- Sou eu, respondeu Albert Barbier. E então, o presidente lhe deu a mão  
(GARCÍA MÁRQUEZ, 2013, p.160).

Com sua história sobre Mr Ike (apelido Eisenhower), Gabriel Garcia Márquez conseguiu criar uma “recordação agridoce de um momento quase esquecido dos tempos modernos, no qual o destino do homem estava suspenso entre a esperança de uma paz mundial e a perspectiva de um apocalipse nuclear” (ANDERSON,2013,p.164):

O talento de Gabo permitiu-lhe obter o mais que pode dentro do âmbito de uma fastidiosa tarefa em Genebra, onde não era mais que um entre muitas centenas de repórteres de todo o mundo, enviados a cobrir um acontecimento que eram impedidos de observar. Mesmo assim, sem deixar-se abater pelas circunstâncias, e sabendo que o melhor que sabia era contar histórias, se dedicou a buscar alguma boa história para narrar (ANDERSON, 2013, p.164).

Encerrada a cobertura de Genebra, García Márquez foi promovido a correspondente internacional e continuou na Europa, oferecendo reportagens que viajavam pelo cotidiano do velho continente. Em janeiro de 1956, o governo militar colombiano endureceu, fechou o *El Espectador* e Gabo ficou sem receber pelo que já havia publicado. Entre frilas e contratos eventuais, passou quase dois anos morando na Europa. Foi um tempo de muitas viagens.

Por duas vezes, Gabo conseguiu romper a cortina de ferro para escrever a reportagem “Estive na Rússia”. Há passagens de raro valor documental. O lead da primeira reportagem abre misturando descrição e graça - “a cortina ferro não é uma cortina nem é de ferro. A cortina de ferro é uma cerca de madeira pintada de vermelho e branco”. Na sequência, García Márquez apresenta a geografia humana e física da região, “um colosso deitado que é a União Soviética, com seus 105 idiomas, seus 200 milhões de habitantes (...) e cuja superfície – três vezes os Estados Unidos ocupa a metade da Europa, uma terça parte da Ásia e constitui em síntese a sexta parte do mundo, 22,4 milhões de quilômetros quadrados sem um só anúncio de *Coca-Cola* (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, p.470)

De 1958 até o fim dos 60, Gabo viveu entre Caracas, Havana, Bogotá, México, Barcelona e Nova York. “Apesar de ter experimentado o mundo internacional na Europa, Garcia Márquez começou a ser uma testemunha privilegiada da história doméstica latino-americana” (MARTIN, 2013, p.42). Nesse período, durante uma viagem a Acapulco, teve a inspiração para escrever sua obra-prima *Cem Anos de Solidão*. A escritura do livro consumiu sete anos. Foi publicado em 1967. Nesse período, no entanto, o escritor não abandonou o jornalista.

Escrever todos os dias não desgasta, apenas melhora. Você sabe por que entre os meus romances há sempre um livro de contos ? Medo de ficar desocupado. Por isso o jornalismo é bom, porque nos obriga a escrever todos os dias” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006e, p.12).

Jornalista e escritor, ele “escrevia sua matéria para jornal com o mesmo capricho das páginas de ficção”, elogia Leo Schlafman (2006e, p.11). “A “fidelidade” de Gabo à imprensa quase não tem paralelo na história do jornalismo” e, dificilmente um escritor com o “sucesso, a tranquilidade financeira e o prestígio que ele já tinha nos anos 70 permaneceu fiel às rotativas, publicando frequentemente algum dos gêneros jornalísti-

cos”.

Em fevereiro de 1974, Gabo lançou sua própria revista, a *Alternativa*, em sociedade com um grupo de amigos jornalistas. Todos investiram do próprio bolso na publicação que, desde o nascimento, assumiu sua posição política de esquerda. Já no primeiro número, Gabo assinou a matéria principal: *Chile, o Golpe e os Gringos*, em que acusa os Estados Unidos de financiar a queda de Salvador Allende.

Nos seis anos seguintes, Gabo já um cinquentão, fez proezas típicas de um jovem repórter. Bombardeou com perguntas ácidas guerrilheiros do grupo argentino Montoneros, ouviu o general panamenho Omar Torrijos, alcançou em Londres o ex-agente da Cia, Phillip Agee, entrevistou o escritor francês Régis Debray, o socialista espanhol Felipe Gonzalez e os líderes da portuguesa revolução dos cravos. O projeto da *Alternativa* durou até março de 1980.

Menos de dois anos depois, o horizonte de García Márquez ficou azul-sueco. Em 21 de outubro de 1982, às 5h50 d, ele recebeu a notícia de ganhara p Nobel de Literatura. Com o dinheiro, fundou a revista *Cambio* e uma Fundação para melhorar a formação dos jornalistas. “Ao fim e ao cabo não estamos propondo um novo modo de ensinar o jornalismo, mas sim tratando de inventar outra vez o velho modo de aprendê-lo” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996)

Diagnosticado com um linfoma, Gabo Lutou pela vida até 17 de abril de 2014. Dizia que queria ser lembrado com as mesmas palavras elegantes que, em 1961, usou para escrever, com lágrimas nos olhos, a notícia da morte de seu ídolo Ernest Hemingway: “um trabalhador bom e honrado”.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Lee Anderson. Mamando Gallo en Ginebra: Gabo Y Los Cuatro Grandes. In: FELICIANO, Hector (Ed.). **Gabo periodista**: antología de textos periodísticos de Gabriel García Márquez. Cartagena de Indias: FNPI, 2013. p.163-170.
- ASTRE, G.A. **Hemingway par lui-même**. Paris: Edicion du Seuil, 1959
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Relatos de um naufrago**. Rio de Janeiro: Record, 1970.
- \_\_\_\_\_. **O melhor ofício do mundo**. Los Angeles, Discurso realizado na 52ª Assembleia da Sociedad Interamericana de Prensa, 07 de outubro de 1996.
- \_\_\_\_\_. **García Márquez regressa al calor del reportaje**. Entrevista transcrita no artigo de Alex Grijelmo publicada no jornal El País, 13 de dezembro de 1998
- \_\_\_\_\_. **Viver para contar**. Rio de Janeiro: Record, 2005
- \_\_\_\_\_. **Textos Caribenhos - Obra Jornalística I - 1948-1952**. Rio de Janeiro: Record, 2006a.
- \_\_\_\_\_. **Textos Andinos - Obra Jornalística 2 - 1954-1955**. Rio de Janeiro: Record, 2006b.
- \_\_\_\_\_. **Da Europa e da América - Obra Jornalística 3 - 1955-1960**. Rio de Janeiro: Record, 2006c.
- \_\_\_\_\_. **Reportagens Políticas - Obra Jornalística 4 - 1974-1995**. Rio de Janeiro: Record, 2006d.
- \_\_\_\_\_. **Crônicas - Obra Jornalística 5 - 1961-1984**. Rio de Janeiro: Record, 2006e.
- \_\_\_\_\_. Una Entrevista? No, Gracias. In: FELICIANO, Hector (Ed.). **Gabo Periodista**: antología de textos periodísticos de Gabriel García Márquez. Cartagena de Indias: FNPI, 2013.
- HEMINGWAY, Ernest. **Tempo de viver**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969a.
- \_\_\_\_\_. **Tempo de morrer**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969b.
- \_\_\_\_\_. **En ligne**. Paris: Gallimard, 1970
- \_\_\_\_\_. **Adeus às armas**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- HOTCHNER, A. E. **A boa vida segundo Hemingway**. São Paulo: Larousse, 2008.

INGERSOLL, Ralph. Hemingway entrevistado. IN: HEMINGWAY, Ernest. **Tempo de morrer**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969b. p.61-73.

KOVACH, Bill; ROSENTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LADEIRA MOTA, Célia. Apresentação. In: LADEIRA MOTA, Celia; MOTTA, Luiz Gonzaga; CUNHA, Maria Jandyra (Orgs.). **Narrativas midiáticas**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 11-20.

AUTOR. **O Jornalismo nos Tempos da Reportagem: Uma análise da Obra jornalística de Ernest Hemingway e Gabriel García Márquez**. Tese de Doutorado. Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2014

MEYERS, Jeffrey. **Hemingway**. Paris: Belfond, 1985.

MARTIN, Gerald. Gabriel García Márquez: Una Visión Panorâmica. In: FELICIANO, Hector (Ed.). **Gabo Periodista**: antologia de textos periodísticos de Gabriel García Márquez. Cartagena de Indias: FNPI, 2013.p.29-50

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 1997. p.1-12. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/05/html/tavares/#sthash.7r7nECeK.dpuf>> Acesso em: 07 mar 2011.

MEYERS, Jeffrey. **Hemingway**. Paris: Belfond, 1985.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Teoria da notícia e imaginário - realidade e ficção. **Revista Comunicação e Espaço Público**, v. 1, n. 4, 2001.

\_\_\_\_\_. Análise da pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p.143-167.

\_\_\_\_\_. A narrativa mediada e a permanência da tradição: percurso de um anti-herói brasileiro. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v.38, jul/dez, p. 185-212, 2011.

\_\_\_\_\_. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento. In: Steinberg, Charles. **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1976.

REYNOLDS, Michael S. **The young Hemingway**. New York: Blackwell, 1987.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.



WHITE, William. Hemingway não precisa de apresentação. In: HEMINGWAY, Ernest. **Tempo de viver**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,.

YOUNG, Philip. Avant-propos. In: HEMINGWAY, Ernest. **En ligne**. Paris: Gallimard, 1970.